

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

As diferenças sociais e a divisão do trabalho presentes no ensino feminino do Colégio Nossa Senhora de Sion de Campanha (MG)

Ana Cristina Pereira Lage¹

Resumo: Neste artigo pretende-se levantar alguns pontos referentes à instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade mineira de Campanha. O referido Colégio (1904-1965), mantido pela congregação francesa de Nossa Senhora de Sion, foi responsável por educar meninas da elite sul – mineira (meninas de Sion), como também meninas pobres da região (denominadas martinhas). O tratamento para as alunas era diferenciado: preparava as primeiras para exercer papéis de liderança familiar e, as meninas pobres, para o trabalho doméstico. Partindo das discussões mais recentes no campo da História da Educação, fazendo uma análise do particular, das especificidades, mas sem perder de vista o geral, pretende-se então compreender as relações de ensino, de dominação e de divisão do trabalho presentes no universo sionense.

Palavras – chaves: Educação feminina – educação confessional – educação e trabalho

Résumé: Dans cet article prétend être soulevée quelques points afférents à l'installation du Collège Notre Dame de Sion dans la ville de Campagne (MG). Le dit Collège (1904-1965), maintenu par la congrégation française de Notre Dame de Sion, a été responsable d'instruire des filles de l'élite sud - minière (filles de Sion), comme aussi des filles pauvres de la région (appelées des petites marthes). Le traitement pour les élèves est différencié: il préparait les premières pour exercer des rôles de direction familiale et, les filles pauvres, pour le travail domestique. En partant des discussions le plus récent dans le champ de l'Histoire de l'Éducation, en faisant une analyse du particulier, des spécificités mais sans perdre de vue le général, se prétend alors comprendre les relations d'enseignement, de domination et de division du travail présente dans l'univers sionense.

Mots - clés: Éducation féminine - éducation confessionnelle - éducation et travail

Durante todo o período de funcionamento do Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade de Campanha (1904-1965), este ofereceu o ensino confessional tanto para meninas da elite quanto para aquelas pobres da região sul – mineira. Este ensino apresentava-se de forma diferenciada para as duas categorias. Enquanto as Meninas de Sion estudavam internas e recebiam um ensino considerado “completo” para a sociedade da primeira metade do século XX, as meninas pobres recrutadas principalmente na zona rural da região, denominadas de Martinhas, recebiam algumas lições morais e, especialmente, eram preparadas para o trabalho

¹ Doutoranda em História da Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

doméstico. Desde a chegada da Congregação de Nossa Senhora Sion no Brasil, no início da República, já previa - se esta distinção entre as alunas.

Abriram-se sucessivamente colégios no Rio de Janeiro (1889) em Petrópolis (1890) em S. Paulo (1901). Entusiástico foi o acolhimento que tiveram as Irmãs, quando, em 1904, se instalaram em Campanha (Sul de Minas) a conselho dos jesuítas que aí mantinham um noviciado.

*(...) Em todos os lugares e estabelecimentos foram oficialmente reconhecidos e tornaram-se centros de múltiplas atividades apostólicas. Como sempre, **não foram esquecidos os pobres e pequeninos bem como as pessoas do interior, das fazendas, cuja instrução religiosa é tão deficiente quanto a condição material.** (grifos meus, MONDESÉRT, 1956: 36)*

As martinhas viviam também internas no Colégio Sion, e, em troca do ensino que recebiam, ajudavam, na maioria dos casos, na limpeza do prédio. Era comum também a presença de martinhas nas demais escolas mantidas pela Congregação Nossa Senhora de Sion no País. O nome homenageava Santa Marta, a qual havia sido hospedeira de Cristo e trabalhava para o seu bem – estar, segundo o Novo Testamento.

Durante o período de funcionamento do Colégio Sion em Campanha, as martinhas realizavam diversos serviços dentro do Colégio: trabalhavam na rouparia, na limpeza dos quartos, nos banheiros, na cozinha, etc. O tempo de trabalho ao longo do dia era superior ao tempo de estudos, pois as mesmas dedicavam, em média, apenas três horas diárias para esta última atividade. Os espaços ocupados por elas também eram diversos em relação aos espaços ocupados pelas meninas de Sion – os dormitórios, o refeitório, os banheiros e até as salas de aula eram separados. Ressalta-se também que não podia haver contatos entre as meninas de Sion e as martinhas.

As fontes referentes à passagem das meninas de Sion pelo Colégio são várias. Estão presentes nos acervos do *Centro de Memória Cultural do Sul de Minas*, no *Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort* e no arquivo particular da *Congregação Nossa Senhora de Sion*, todos localizados em Campanha/ MG. Praticamente todos os livros de notas e matrículas estão preservados, há um conjunto de fotos que mostra os momentos cotidianos e as festas, os espaços por onde essas meninas passaram, artigos de jornais, e vários outros documentos (programas de festas, lista das alunas preparadas para a Primeira Comunhão, diário da Primeira Superiora, livros de propaganda, etc), além das entrevistas que possibilitam a articulação entre a História da Educação e a História Oral.

Por outro lado, os registros sobre as martinhas são poucos. Os artigos nos jornais pesquisados não fazem referência à ação das irmãs em educar meninas pobres. Dentro do

antigo prédio onde funcionou o Colégio Sion, o espaço ocupado pelas martinhas (dormitório, lavatório e refeitório) não existe mais: a única parte do prédio que não foi preservada.

A partir dos poucos documentos encontrados sobre este assunto, valoriza-se a pequena quantidade para compreender um pouco mais este universo das *martinhas* no Colégio Sion. No acervo particular da Congregação Nossa Senhora de Sion de Campanha foi encontrada uma caderneta com o registro dos nomes das *martinhas* que entraram no colégio desde 1905 até 1945; um caderno de registros diários das ações das *martinhas* de 1935 a 1937 e ainda poucas fotografias. Algumas anotações foram também encontradas no livro de registros de notas (1955) do Grupo Escolar de Campanha. Percebe-se, então, a necessidade de complementar a pesquisa utilizando os relatos orais. Mais uma vez são encontrados silêncios.

Somente algumas ex-martinhas não se importam em falar de sua passagem pelo universo sionense (total de 07 na perspectiva de 20 tentativas). Foi realizado um grande esforço para encontrá-las e algumas recusaram - se a conceder entrevista, alegando que não se lembravam daquele tempo ou até mesmo que tinham medo de falar. Em vista do pequeno número de entrevistadas, optou-se por valorizar o qualitativo e não o quantitativo das fontes, resgatando, assim, a importância das experiências individuais, realizando o cruzamento de dados contidos nas entrevistas e nos documentos encontrados.

Pelo levantamento das fontes torna-se possível perceber que a presença das martinhas e a relação destas meninas com as freiras pode ser dividida em duas fases: da instituição da escola até meados da década de 50; e deste momento até o fechamento do Colégio.

A primeira fase é caracterizada por uma educação voltada principalmente para a instrução moral das martinhas. Pelos relatos descobre-se que as freiras tinham a preocupação em trabalhar questões de cunho moral, mas não há, neste momento, uma necessidade da formalização do ensino. Este fato é detectado até mesmo na falta de anotações sobre esta atividade. As entrevistadas que frequentaram o colégio no período anterior queixam-se de não ter recebido um diploma.

A segunda fase instaura-se quando uma diretora do Grupo Escolar da Campanha propôs oferecer o Ensino Primário para as martinhas (década de 1950). Foram, então, montadas duas salas de aula: uma que oferecia o ensino relativo à 1^a. e à 2^a. séries, e outra que contempla a 3^a. e a 4^a. séries. A partir deste momento estas meninas passaram a receber um ensino formal público, que utilizava o espaço privado do Colégio Sion. Dessa forma, o público e o privado se mesclavam. As irmãs continuavam ensinando e utilizando o serviço

doméstico das martinhas, justificado como uma forma de pagamento pela hospedagem e também na necessidade de preparação destas meninas para o futuro.

As martinhas, contudo, não são as únicas que trabalhavam na limpeza e organização do Colégio Sion de Campanha. Há ainda algumas *moças de serviço* (que recebiam pagamento), e as freiras *conversas*, que também realizavam serviços manuais e orientavam a organização da Casa, além dos encarregados da manutenção dos jardins, das hortas, etc. Verifica-se que a presença das martinhas no Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha foi constante e primordial para o bom funcionamento da Casa. Elas estiveram sempre presentes no período de funcionamento do Colégio, apenas variando o número total.

Com as anotações feitas por uma freira em uma pequena caderneta é possível fazer o levantamento do total de martinhas que passou pela Instituição desde 1905 até 1945: 481 meninas. Esta caderneta não só fornece o nome de meninas que entram ano a ano na Instituição, mas, ao lado de cada nome, o período em que lá permanecem. Algumas têm uma passagem bastante rápida, somente dias ou semanas, mas outras ficam muitos anos.

Ao verificar-se a quantidade de meninas de Sion e o total de martinhas matriculadas, percebe-se que, enquanto as matrículas eram crescentes entre as meninas de Sion, esta proporção não era aplicável à quantidade de martinhas. O número de martinhas nunca superou a quantidade de 50 (1927). Este número variava de acordo com as necessidades das irmãs e também com o interesse de permanência por parte delas na Instituição. Tal permanência dependia da possibilidade de adaptação ao estilo de vida sionense.

Pelos depoimentos é possível investigar sobre o dia-a-dia destas meninas e perceber que o tempo de trabalho é maior, comparando-o ao tempo de estudos. Com pequenas alterações, o dia de uma martinha iniciava-se da seguinte forma: acordar cedo, variando entre 5 e 5:30 da manhã. Fazer a higiene e assistir à missa. Após havia o café da manhã.

Durante todo o período da manhã as martinhas realizavam diversas tarefas domésticas, dependendo do setor ao qual fora designada. Ao longo da estada das martinhas na Instituição, elas deveriam aprender diversas atividades. Nunca ficavam por muito tempo com um único serviço. Acontecia um rodízio nas diversas atividades, preparando assim estas meninas para um futuro trabalho doméstico, dentro das regras e da ordem sionenses. Havia uma divisão do trabalho entre elas, como também não poderiam ficar muito tempo em uma mesma atividade. Deveriam ser preparadas para todas as atividades necessárias a uma mãe de família pobre ou também como uma possível e futura empregada doméstica. Cada uma

exercia funções diferentes ao longo de sua jornada diária. Depois de um período em determinada função eram remanejadas de posição.

Inicialmente ficavam encarregadas da limpeza das salas de aula e dormitórios, como também da preparação do café da manhã das meninas de Sion. As salas de aula deveriam ser limpas naquele momento pois logo seriam ocupadas pelas meninas de Sion. Toda esta atividade acontecia após a missa das martinhas e enquanto era realizada a missa das meninas de Sion. Após este momento, algumas martinhas deveriam limpar a capela e outras iriam para os serviços de costura, lavagem, cozinha, repassagem, limpeza do banheiro e organização dos refeitórios. Às 11 e meia da manhã todas paravam seus afazeres domésticos e almoçavam.

As entrevistadas não sentiam diferenças na alimentação fornecida, mas apontavam alguns caminhos para a percepção das desigualdades: o refeitório separado, o que restava do almoço das meninas poderia ir para o jantar delas e também a forma de servir a comida.

Deve-se pensar também a origem social destas meninas. Para muitas essa era a única chance de uma alimentação saudável, já que algumas provinham de famílias muito humildes. A grande maioria era originária da zona rural de Campanha e cidades vizinhas. Junto às freiras, essas meninas seriam mais fáceis de adaptação ao mundo do trabalho, já que estavam acostumadas a exercer atividades domésticas em suas respectivas casas. Era também uma forma de adequar estes seres às normas de civilidade e higiene necessárias para o progresso da nação. Do lado das meninas, seria a única chance de educação formal, já que as escolas ficavam muito distantes de suas casas.

Segundo os relatos, percebe-se que há diferenças entre as próprias martinhas. Algumas delas recebem pequenos presentes, especialmente alimentos, quando são visitadas por seus familiares. Estes presentes podem ser compartilhados com as outras internas, significando, assim, um poder de troca, de barganha e ascensão entre elas. Muitas utilizam desta barganha para ganhar a amizade das *anjas*, também presentes para as *Meninas de Sion*. A menina que acaba de ingressar na Instituição deve ficar sob a guarda de uma *anja* e esta é uma martinha que possui mais tempo na casa e deve ser tanto responsável por ensinar o serviço, quanto por controlar as atitudes da ingressante. Segundo as depoentes, algumas destas *anjas* abusam de autoridade, do poder de mando e de controle sobre as martinhas.

Durante as refeições as *anjas* controlam os deslizes das mais novas à mesa. Após o almoço, ocorre ainda um tempo de trabalho anterior às aulas da tarde, pois é necessário ainda lavar as louças. Segundo os relatos, o tempo utilizado para o ensino varia, mas nunca ultrapassa três horas diárias.

Na caderneta de 1935/1937 foram registradas diariamente as atividades das meninas quanto ao trabalho realizado. Segundo esta, entre os dias 8 de abril até 22 de setembro de 1935, as meninas foram analisadas seguindo os seguintes critérios e partindo do melhor para o pior conceito: *perfeita, ótima, muito bom, bom, sofrível, quebrou algo e não merece a cruz*. Quebrar qualquer objeto era considerado uma falta muito grave, já que consta na caderneta as seguintes observações no período analisado: Antonieta (número 01) quebrou uma tigela e uma xícara; Maria do Rosário (número 21) quebrou um prato. Além destas observações, elas não foram dignas de nenhum outro conceito. As anotações das atividades das martinhas neste momento acontecia segundo o critério do trabalho, e não acerca de seus rendimentos escolares.

Comparando os conceitos semanais das alunas nos anos de 1935 a 1937, chega-se à conclusão de que poucas eram consideradas perfeitas (*parfait*); a grande maioria recebia o conceito bom ou muito bom. Mas muitas também *não merecem a cruz*. Como também acontecia com as meninas de Sion, significava que a aluna não poderia portar uma cruz no pescoço em um determinado período (que variava de acordo com a gravidade da falta cometida). Quem perdesse a cruz ficava marcada visivelmente diante de suas companheiras. A martinha Annita (número 31) perdeu a cruz por oito vezes entre os anos de 1935 e 1937, e a caderneta informa ainda que esta menina *não guardava silêncio*. Esta era uma falta considerada gravíssima, pois a conversa entre elas só poderia acontecer em alguns horários e sendo sempre vigiadas.

Segundo algumas entrevistadas, só poderiam falar o necessário durante o trabalho. O horário específico para conversar era o recreio, que acontecia depois do lanche, após as aulas. Até a quantidade de recreios das martinhas (01) era menor, se for levado em consideração o número de recreios diários das meninas de Sion (03). Era o momento de descontração, tornando-se, então, possível sair do prédio e brincar nas alamedas, mas sempre sob vigilância. A diferença era percebida até no vestuário:



Meninas de Sion, S/D



Martinhas, S/D

Acervo CNSS/ Campanha

Acervo CNSS/ Campanha

Após o recreio, voltavam para o trabalho. Era necessário preparar o jantar. Após um dia permeado de atividades domésticas, as martinhas tomavam banho e dormiam às 21 horas impreterivelmente. Todos os dias deveriam seguir a mesma rotina.

Algumas meninas podiam sair do Colégio para trabalhar na limpeza da Catedral de Campanha. Estas saídas funcionavam como uma gratificação para as mais comportadas. As saídas do Colégio eram comemoradas como grandes momentos de variação da rotina. No meio do ano, quando estavam sozinhas com as freiras no Colégio, tinham a comemoração do dia de *Santa Marta* (29 de julho). Geralmente era feito um *picnic* com as freiras dentro das terras do Colégio e, neste dia, como gratificação, as martinhas não trabalhavam.

As permissões para visitas e saídas também eram diferenciadas entre meninas de Sion e martinhas. Enquanto as primeiras poderiam receber visitas todo domingo e, na maioria das vezes, dispor de duas férias por ano, no segundo caso só poderia haver geralmente uma visita mensal e só tinham férias no final do ano, quando, então, tinham permissão para encontrar suas famílias. Mesmo assim, só poderiam sair uma semana depois das meninas de Sion, e retornavam uma semana antes, para organizar o prédio. Em muitos casos, estes eram os momentos de abandonar o Colégio, pois percebe - se que muitas não retornavam dessas férias.

Conclusão

A diferenciação social educativa dentro do Colégio Sion parte do pressuposto que deveria haver uma hierarquia das ocupações, que ocorria em relação às martinhas e às meninas de Sion, ou até mesmo entre estas e suas *anjas*, para garantir a ordem. Não é apenas uma ordenação dos espaços, mas deve-se pensar em uma abrangência ainda maior: a ordenação da própria sociedade, um princípio que já é proposto desde a Antigüidade por São Paulo:

Assim como num só corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim, (ainda que) muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós membros uns dos outros. Mas temos dons diferentes, segundo a regra de fé: quem tem o ministério, exerça o ministério; quem tem o Dom de ensinar, ensine; quem tem o de exortar, exorte; o que reparte, faça-o com simplicidade; o que preside, faça-o solícito; o que faz obras de misericórdia, faça - as com alegria. (Epístola aos Romanos. 13, 4 – 8)

Na sociedade capitalista, o trabalho é explorado e a sua força recebe sempre um valor menor do que seria merecido. As martinhas recebiam a educação em troca de seu

trabalho, mas o pagamento também era menor, já que as horas de estudos eram bem menores do que as horas de trabalho diário. Mesmo participando da necessidade de ordenação social presente desde a Antigüidade, também funcionava como uma estratégia de sobrevivência e de aprendizado destas meninas, com a preparação para o mundo do trabalho.

Bibliografia:

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Uso e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2ª. ed., 1998

MONDÉSERT, Claude. **As religiosas de Nossa Senhora de Sion**. Lion, França: M. Lescuyer et fils, 1956

MOURA, Geovana Ferreira Melo. **Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina (Colégio Nossa Senhora das Dores – Uberaba, 1940/1966)**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Uberlândia, 2002